



Entrevista com Ana Maria Dalla Zen

Entrevista: José Antônio dos Santos | Transcrição da entrevista: Bruna Andrade

Revista da Extensão: Dialogar com aqueles (as) que se encontram fora dos muros da universidade é um dos objetivos da extensão. Qual a influência desse aspecto na sua vida?

Professora Ana Maria Dalla Zen: Fazendo um retrospecto na minha família, eu percebo, nas figuras do meu avô, minha avó e meus pais, um dinamismo no sentido de olhar o outro. Isso eu aprendi em casa. Nós éramos pobres, mas, se eu tive uma grande lição do meu pai e da minha mãe, foi a de que, antes de nos preocuparmos conosco, deveríamos olhar para o nosso próximo e auxiliá-lo como pudéssemos. E só depois, então, pensar em nós mesmos. Falar nisso me emociona, pois foi uma mensagem que calou muito forte em mim, e que me constitui até hoje. Quando me tornei professora da UFRGS, logo ao me formar, percebi que somente poderia atuar como mestre se me envolvesse com grupos populares. Meu pai me ensinou a sair, ser solidária. Eu o vejo até hoje com sua roupa domingueira, tentando encontrar emprego, escola, assistência médica, assinatura de carteira de trabalho e sei mais o quê para um vizinho que precisava. Lembro-me da minha mãe compartilhando nossa comida com quatro mendigos, todos os dias, fizesse sol, fizesse chuva. Sempre tinha algo para compartilhar, mesmo que fosse pouco. De minha avó paterna, aprendi os primeiros conceitos de preservação ambiental e amor à natureza, mesmo que ela não soubesse sobre desenvolvimento sustentável. Com ela aprendi a plantar, a transformar lixo orgânico em

Se eu tivesse que sintetizar a minha atuação acadêmica eu diria: – “A extensão é que me constituiu como docente”.

adubo, em ouvir a voz da natureza, as fases da lua, o rumo dos ventos, o sentido do sol e da chuva. Assim, devo as minhas referências familiares o meu olhar extensionista, o que resultou na preocupação com a função social da universidade. Ela deve ultrapassar o alcance do ensino e da pesquisa tradicional, sair de seus muros e atuar diretamente na redução dos alarmantes níveis de exclusão social, econômica e cultural em que grande parcela da sociedade brasileira ainda se encontra.

RE: Como se deu o seu envolvimento inicial com a extensão universitária na UFRGS?

Prof^a. Ana: Muitas das memórias que vou te contar são inéditas e fazem parte do memorial que eu estou escrevendo para a progressão a professor titular. Trata-se de uma imersão no passado que muito me emociona, porque trago de volta inúmeras referências que eu havia esquecido completamente. Ao abrir o baú de minhas lembranças, eu rememorei momentos e atividades específicas que confirmam que a extensão universitária foi o foco que direcionou todas as minhas ações acadêmicas. Foi responsável pelas minhas opções no ensino de graduação, definiu as linhas de pesquisa em que me debruço, determinou



Foto: Acervo

tanto a dissertação de mestrado quanto a tese de doutorado que produzi e, acima disso tudo, é nela que se centralizo a minha produção intelectual, na forma de participações em congressos, artigos e livros publicados. Portanto, se eu tivesse que sintetizar a minha atuação acadêmica, diria: - “A extensão é que me constituiu como professora da UFRGS”.

RE: E quando foi que isso tudo começou?

Prof^a. Ana: As portas da Universidade se abriram em 1972, quando, recém-formada, fui convidada a participar da formalização da extensão como atividade acadêmica na UFRGS. Naquela época, a extensão, instituída no Brasil em 1968, através da Lei 5.580, que estabeleceu a reforma universitária, era uma novidade que deveria ser institucionalizada, mas da qual pouco se sabia. Imagine-se a dificuldade para reunir a documentação naquela época, mas, de um jeito ou de outro, conseguimos instaurar os primeiros documentos e até mesmo os primeiros formulários para oferecimento de atividades de extensão na UFRGS. E publiquei então um documento

intitulado “*Atividade de Extensão Universitária no Âmbito da UFRGS: procedimentos e finalidades*”, de cuja existência eu nem lembrava, até encontrar uma cópia perdida no baú de guardados da minha casa.

RE: A sua trajetória profissional está diretamente relacionada à história da extensão na UFRGS, conte-nos um pouco mais como foi esse percurso.

Prof^a. Ana: Na administração central daquele tempo, competia à Superintendência Acadêmica a supervisão das atividades de ensino, pesquisa e, da recém-criada, extensão universitária. Dentro dela, foi criado o Departamento de Extensão Universitária, coordenado pelo Prof. Jairo Peres Figueiredo, e, dentro dela, a Divisão de Extensão Universitária, que dirigi. Posteriormente, assumi o Departamento de Extensão Universitária. Nessa época, tive a oportunidade de atuar junto às quatro Comissões de Extensão criadas na Universidade, uma para cada área do conhecimento. Foi uma experiência maravilhosa, quando, de um jeito ou outro, tive que me envolver de corpo e alma com a atividade extensionista.

RE: Como era organizado o Departamento de Extensão Universitária naquela época e o trabalho que desenvolviam?

Profª. Ana: Era formado por uma equipe muito enxuta responsável por tudo, desde emissão de certificados, que eram datilografados um a um, até a montagem dos Salões de Artes Visuais, Projeto Pixinguinha, e outros. A extensão entrou de tal modo em mim, que se transformou no foco de minha dissertação de mestrado, defendida em 1980, intitulada: “A atividade de extensão na UFRGS: êxitos, falhas e perspectivas”. A contribuição mais importante desse trabalho foram duas sugestões: a de que a extensão universitária tivesse orçamento específico e de que as horas destinadas às atividades de extensão fossem incluídas na carga horária dos docentes. Propostas intangíveis na época, mas que se transformaram em realidades ao longo do tempo. Também fui vice do então Pró-Reitor de Extensão, Prof. Ludwig Buckup, quando nasceu o Programa Unicultura, composto pelo Unimúsica, Unifoto, Unicena, que eram realizados, praticamente, sem recursos financeiros. Finalmente, dentro da administração, participei da criação do Museu da UFRGS, ao integrar o Projeto Especial Museu Universitário, coordenado pela Profa. Maria Helena Bered, cuja documentação também achei esquecida entre os meus guardados. Depois disso, me tornei professora e vim para a FABICO, onde continuei trabalhando na extensão universitária, seja como coordenadora de projetos ou participando da Comissão de Extensão.

RE: Também como professora as ações de extensão foram fundamentais na sua atuação docente, como isso se deu?

Profª. Ana: Enquanto eu atuava junto à Administração Central, eu era Técnica em Assuntos Educacionais. Ao finalizar o mestrado, assumi a função docente, junto ao Departamento de Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), e comecei a dar aula de Metodologia da Pesquisa.

Na extensão universitária, criei o Programa “FABICO na Feira do Livro” de Porto Alegre, que, numa perspectiva interdisciplinar, reunia alunos de Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Biblioteconomia. Entre as atividades, havia uma central de informações para que os frequentadores da Feira localizassem os livros que buscavam. Para orientá-los, foi criado o Mapa da Feira, produzido pelo Prof. Joaquim Fonseca, dentro do qual Carlos Urbim incluiu um pequeno conto “Uma Graça de Traça”, cujo sucesso foi tão grande que se transformou na peça “A Tracinha Biblió”. Dentro do projeto, foi lançada a Folha da Feira, jornal produzido pelos alunos de Jornalismo. E, para surpresa dos livreiros da época, inserimos dentro do evento uma série de atividades artísticas e culturais, shows artísticos e exposições, que eram mal vistos por alguns, que diziam que iriam desviar a Feira de suas funções. Só que deu tão certo, que hoje foram institucionalizadas, sem a FABICO.

RE: As suas experiências na extensão também colaboraram com a formação do currículo do curso de Biblioteconomia?

Profª. Ana: Sim, para dar conta da extensão universitária, foi criada a disciplina eletiva “Ação Cultural em Bibliotecas”, dentro da qual se inseriu o Projeto Fabico na Feira do Livro, dentre outros. O objetivo era inserir a problemática de ação comunitária, do desenvolvimento e da mudança social dentro do currículo do curso de Biblioteconomia.

RE: As ações de extensão colaboraram ainda para definir os rumos do seu doutorado?

Profª. Ana: Como não podia ser diferente, meu doutorado é completamente plugado na extensão universitária. Em 1997, eu coordenava o programa de extensão chamado “São José dos Ausentes, povo e paisagem”, um dos poucos, senão o único, programa integrado de ensino, pesquisa e extensão aprovado pela FAPERGS [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado

do Rio Grande do Sul], e que recebeu o prêmio Universidade Solidária, em 1998. Como o título indica, era realizado em São José dos Ausentes, cidade situada nos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul, composto por 18 projetos diferentes, unidos no objetivo de construir estratégias de desenvolvimento social e geração de renda. Dentro dele, foi surgindo, aos poucos, o meu projeto de doutorado, que, fortalecido no foco da extensão universitária, se transformou na tese, *“A Volta dos Ausentes na Terra do Nada: ação cultural como estratégias de religação do homem à natureza”*, defendida na área de Comunicação da USP [Universidade de São Paulo]. Na prática, trata-se de uma reflexão epistemológica, teórica e metodológica em torno do programa. Moral da história, mais uma vez: a extensão é que me constituiu como professora, como pesquisadora, e toda a minha produção intelectual em congressos, eventos, revistas científicas e livros é ligada à extensão universitária.

RE: Como se deu esse processo inicial de relação da universidade com a comunidade de São José dos Ausentes?

Prof^a. Ana: Foi um pouco por acaso que me envolvi com São José dos Ausentes. A convite do professor e fotógrafo Mário Bitt-Monteiro, planejei a criação do programa Entorno das Oficinas de Fotografia Ambiental, que eram realizadas sob coordenação dele. Aliás, devo a ele minha imersão naquele lindo cenário. Logo ao chegar, percebemos que o Município, recém-emancipado, necessitava de uma presença mais efetiva da universidade para colaborar na solução de problemas de toda a ordem. Foi assinado um convênio da Prefeitura Municipal com a UFRGS para, de início, produzir materiais de divulgação turística da cidade, calendários, cartões postais e fotografias. Aos poucos, o programa se converteu numa estratégia de desenvolvimento sustentável para a região, através de sua transformação num destino de turismo rural ecológico, a partir da transformação de 15 fazendas em pousadas rurais. Desse modo, as casas simples deram

lugar a pequenas pousadas, cuja estruturação e funcionamento foram produzidas dentro do programa. Assim surgiram logomarcas, placas de sinalização, uniformes para atendimento aos hóspedes, boas práticas de higiene e relações públicas, dentre outros. Nos envolvemos também na criação da primeira escola de ensino de segundo grau, em projetos de financiamento para o asfaltamento da estrada, na substituição das queimadas por remanejamento de pastagens, em campanhas de higiene bucal junto às escolas.

RE: Parece ter havido uma participação bastante significativa da comunidade universitária, mas e a participação da população de São José dos Ausentes como foi?

Prof^a. Ana: Em termos acadêmicos, envolvemos 18 projetos, 95 professores e centenas de alunos. No que se refere à participação comunitária, foi muito significativa, mais do que se poderia ter imaginado. Embora a proposta de convênio tenha surgido através da Prefeitura Municipal, sendo prefeito Carlos Búrigo, a população aprovou todas as práticas levadas a efeito, uma vez que tudo era discutido de forma participativa. Reuniões eram feitas no Salão Paroquial e se tornavam eventos culturais da comunidade, em que alguns iam para conhecer, outros para discutir, e ainda havia aqueles que só iam porque não tinham outra coisa a fazer num domingo de tarde, em meio ao frio e à serração do inverno. Dentre os resultados, foram criadas as rotas do “*Mula Trekking*”, passeio de mulas que reconstituía o caminho dos tropeiros, que até hoje é oferecido. Ao explicar esse nome a um turista, um morador disse que ele se referia ao *trek-trek* que a mula faz quando sobe e desce os morros pedregosos. Outra iniciativa era o tratamento bucal atraumático, feito por equipe coordenada pela Profa. Sônia Blauth de Slavutski, realizado junto aos alunos das escolas locais. As crianças eram deitadas nas mesinhas das escolas, olhos arregalados, mas permitindo obturações e extrações de dentes sem dor, sem medo e aguardando o retorno das equipes com carinho.



Foto: Acervo

Assim, falar em São José dos Ausentes é falar num momento em que se mesclavam conhecimentos, práticas, soluções, metodologias e uma forte carga de amor, alegria e encantamentos pelas pessoas e pelo lugar.

RE: A sua atuação como docente do curso de Museologia também tem frutos da extensão?

Prof^a. Ana: É a extensão que me nutre. E é muito legal isso, porque depois do doutorado eu criei dois programas dos quais eu gosto muito: um, é o “Lomba do Pinheiro: memória, informação e cidadania”; outro, é a “Ilha da Pintada: mulheres, trabalho e desenvolvimento sustentável”. Quando foi criado o curso de Museologia, em 2008, me aproximei do campo da Museologia Social, muito afeito à extensão universitária na preocupação com o desenvolvimento e mudança social, na tentativa de reduzir a exclusão social através da valorização dos grupos populares enquanto patrimônio cultural. Nascido também na década de 1970, quando a extensão universitária se transformou em atividade fim nas universidades, a Museologia Social se abria para as comunidades, com a criação de museus comunitários. Os museus deixavam de ser o “templo das musas” para ser um fórum de discussão e aprendizados, voltados ao desenvolvimento e mudança social, especialmente, nas regiões de periferia. Portanto,



nada mais próprio do que a Lomba do Pinheiro e a Ilha da Pintada se tornarem espaços de ensino, pesquisa e extensão no campo da Museologia.

RE: Fale-nos um pouco sobre a sua atuação como extensionista nessas duas comunidades de Porto Alegre.

Prof^a. Ana: Nos anos de 2009 e 2011, o programa “Lomba do Pinheiro: memória, informação e cidadania”, foi contemplado com recursos do PROEXT/MEC, o que foi fundamental para participação da UFRGS na parceria com o Museu Comunitário Lomba do Pinheiro. Desde então, professores, alunos e disciplinas do curso atuam no planejamento de atividades voltadas ao empoderamento das pessoas em relação ao seu território, à valorização de suas histórias de vida e à construção de alternativas mais inclusivas. Dentre elas, merece ser lembrado o “Lombatur”, rota de turismo comunitário que permite aos moradores conhecerem mais de perto o seu bairro, e que vem tendo uma repercussão comunitária cada vez mais significativa. Na Ilha da Pintada, por sua vez, chegamos pelo convite da professora Gema Conte Piccinini, da Escola de Enfermagem [UFRGS], que nos chamou dizendo que a comunidade estava muito interessada em implantar um museu. Nós fomos pra lá, eu e meus alunos, e nos empolgamos tanto com a



Foto: Acervo

realidade da Ilha da Pintada, e com as artesãs que trabalham com escamas de peixe, que um grupo de alunos sugeriu uma disciplina específica relacionada a estudos de comunidades. Então, foi criada uma disciplina de Museus Comunitários, em que a parte prática da disciplina foi realizada na Ilha da Pintada, onde estamos atualmente implantando o Museu da comunidade.

RE: A disciplina Museus Comunitários faz parte do currículo da Museologia? Como é desenvolvida?

Prof^a. Ana: Sim, é uma disciplina eletiva, uma vez que trabalhar com museus comunitários e com ação comunitária não pode ser imposta a qualquer aluno, pois implica escolhas e motivação pessoal. Se ela fosse obrigatória, eu acho que poderia provocar certos conflitos indesejáveis; os alunos que participam são engajados e atuantes em movimentos populares. Há também alunos dos cursos de Publicidade e Propaganda, Administração e Design, porque a perspectiva da ação de extensão é interdisciplinar. Um aluno

de Publicidade e Propaganda verbalizou: - “Eu só entendi de sociedade brasileira quando eu fui para a Ilha da Pintada”. É um indicador muito significativo do papel da extensão na formação do futuro profissional. Dentro da sala de aula, fechada, com ar-condicionado, a gente não tem noção do que está ali fora. Entender o outro, sair de si mesmo e compreender a realidade, como o caso de uma artesã que, quando ganha 100 reais, resolve problemas cruciais de sobrevivência e eleva a sua autoestima. O aluno que não tem noção das dificuldades que as pessoas enfrentam, pode querer mudar, ao conhecer essa realidade. Esse é um dos maiores ganhos que a extensão universitária pode nos proporcionar.

RE: Sobre o processo inicial de contato e inserção nas comunidades, como é realizada essa aproximação primordial?

Prof^a. Ana: Na Lomba já existia o Museu Comunitário Lomba do Pinheiro. Foi o pessoal do museu que nos convidou para trabalhar junto no sentido de construir estratégias de divulgação e de aproximação com a comunidade. A partir daí, surgiu o Ponto de Memória da Lomba do Pinheiro e foi implantada a rota do “Lombatur”, já referido. Ela encanta as pessoas da comunidade e também de fora porque mostra uma Lomba com prós e contras e todas as suas facetas possíveis. Violência e lixo na rua, mas também belezas naturais e organização comunitária. Fizemos também oficinas de educação para o patrimônio nas escolas. Isso porque essas escolas não têm no seu currículo a história da Lomba. Nós trabalhamos com a história da Lomba para que as crianças se apropriem da Lomba e não tenham vergonha do lugar onde nasceram e moram. Nós não levamos nada pronto. Tudo o que nós fazemos é a partir dos interesses e das mobilizações dos grupos populares. A Lomba do Pinheiro é caracterizada historicamente como uma população com forte mobilização comunitária. É dito pelos moradores que a primeira associação de moradores de bairro do Brasil teria surgido na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre.



Foto: Bruna Andrade

Não se trata de um processo fácil, ao contrário, é muito difícil. Autoritarismo, paternalismo, assistencialismo, são situações com as quais temos que saber lidar.

RE: A Lomba do Pinheiro é uma região enorme, formada por mais de 30 vilas, já a Ilha da Pintada tem uma outra realidade social. Como tem sido a interlocução com a comunidade da Ilha?

Prof^a. Ana: A Ilha da Pintada, em relação à Lomba do Pinheiro, é muito diferente. Na Ilha, nós trabalhamos de forma mais restrita com a Associação de artesãs que produzem artesanato com escamas e couro de peixe. É uma associação de mulheres que nos chamou para criar o Museu da Ilha da Pintada; o objetivo era musealizar a experiência delas. O artesanato com escamas de peixe não é tradicional da Ilha, é um

conhecimento açoriano que elas estão recriando. Diante da falta de peixes e da crise da pesca artesanal, elas buscaram alternativas de sobrevivência, a partir das heranças açorianas e afrodescendentes. Elas descobriram que nos Açores era muito comum a produção de flores e ornamentos com escamas de peixe desde o século XVIII. As freiras, especialmente, faziam os enfeites para os hábitos dos padres. As mulheres da ilha foram buscar, por volta de 1998, um professor que sabia fazer o artesanato e se apropriaram desse conhecimento. Isso foi iniciativa delas.

RE: E a ideia da criação do Museu Comunitário na Ilha da Pintada como foi se consolidando?

Prof^a. Ana: O grupo de mulheres decidiu que a experiência delas era muito rica, e pediu que nos envolvêssemos na criação de um *economuseu*.

É um local que envolve um ateliê de produção, uma loja de artesanato para a venda dos produtos e um espaço de diálogo e preservação da memória da comunidade. É um museu com forte vertente de geração de renda, uma tipologia canadense da qual nos apropriamos. Na Ilha começamos, com esse grupo de mulheres, mas imediatamente as escolas nos chamaram para trabalhar com educação para o patrimônio. Além disso, foram feitos cursos de fotografia e exposições da produção das artesãs.

RE: Esse trabalho na Ilha começou quando? Qual é o envolvimento da comunidade em números de participantes?

Prof^a. Ana: Começamos em 2012, e são entre 15 e 25 senhoras que participam da Art'Escama, associação artesanal que elas criaram. Nós ganhamos o Prêmio Santander Universidade Solidária, e a meta é ampliar para, no mínimo, 30 artesãs. Há algumas delas que possuem forte tradição com a pesca, são pescadoras, inclusive. E também temos uma presença negra considerável na Ilha da Pintada. A situação das famílias negras não é fácil. Não se pode dizer que houve uma convivência pacífica entre negros e brancos. Quando reunimos as memórias dos pescadores mais velhos, percebemos que houve casos de racismos e preconceitos bem graves entre eles. São pessoas que lutam pela própria sobrevivência, buscam formas de organização social, e estamos ajudando no que podemos.

RE: Como é a relação da Universidade com as pessoas das comunidades? A extensão universitária tem limites em sua atuação?

Prof^a. Ana: A comunidade é muito grata pelo nosso envolvimento, mas é uma gratidão que não é subserviência. Isso eu acho que é muito importante. Nós percebemos que a universidade é bem aceita, mas, ao mesmo tempo, percebemos que os limites da nossa atuação estão bem definidos. Temos que cuidar muito para não sermos assistencialistas. Há situações em que a gente fica



Foto: Acervo

muito próxima disso, porque existem situações cruéis. Por exemplo, uma das artesãs não queria ir para as feiras vender o seu trabalho porque estava sem dentes. Eu incentivava que ela fosse, até que ela me disse: - “Professora, a senhora já viu o meu sorriso?” Aquilo foi um pontapé no meu coração. Não tivemos outra alternativa, a não ser contatarmos a professora Márcia Cançado, da Faculdade de Odontologia [UFRGS], que faz extensão e procuramos ajudar. Hoje aquela artesã é outra pessoa. Ou seja, a extensão tem os seus limites, mas quais são eles?

RE: Como a senhora mesma aponta, os limites da extensão são definidos pela experiência e atuação dos extensionistas, mas também pelos interesses da própria comunidade, não lhe parece?

Prof^a. Ana: Não tenho dúvida. Os primeiros projetos de extensão que nós fizemos, o “Projeto Itapuã” e o “Projeto Pericampos”, nos mostraram alguns caminhos de interlocução com as comunidades. O último, nós fazíamos nas redondezas do *Campus* do Vale, tão logo a universidade construiu



Foto: Acervo

o mesmo em Viamão. Ele envolvia as comunidades vizinhas no sentido de aceitarem a universidade que estava chegando. O “Projeto Itapuã” era realizado na área rural de Itapuã, com os pequenos produtores. Outro trabalho significativo que nós fizemos foi na Vila Planetário, quando foi urbanizada a FABICO. O jardim da FABICO foi feito com o envolvimento das crianças da Vila Planetário. Outro dia eu encontrei uma manicure que lembrou que ela trabalhou no nosso jardim. As crianças deixaram suas casas e vieram plantar no jardim da Faculdade. Hoje temos árvores, e as crianças são adultos. Essa é uma metodologia da extensão, dialogar com as pessoas e trocar conhecimentos, que nos aproxima das realidades e define limites de atuação de cada um.

RE: A extensão universitária pode colaborar com as comunidades populares, de que forma?

Profª. Ana: Depende do que nós entendemos por extensão. Não podemos entender extensão como um simples repasse de conhecimentos, parafraseando o nosso guru na área de extensão universitária e museologia social, Paulo Freire. Se nós chegarmos em uma comunidade levando coisas, como se a universidade soubesse e tivesse a obrigação de ensinar, nós estaremos completamente equivocados. Com uma postura dessas, absolutamente elitista, centralizadora

e autoritária, nós não permitimos que essa comunidade caminhe com suas próprias pernas. Eu vejo que a extensão universitária permite o empoderamento, valorização e recuperação da autoestima das pessoas.

RE: Com toda a sua experiência em extensão, a senhora deve ter aprendido muita coisa que vai levar por toda a vida.

Profª. Ana: Na Ilha da Pintada, tivemos relato de um pescador que disse: - “Veio um grupo da universidade para me ensinar noções de higiene com os peixes. Ora, eu limpo peixes desde criança, aprendi com meu avô. Então, eu fico ofendido quando alguém vem me ensinar que eu tenho que lavar as mãos. Eu sei que eu tenho que lavar as mãos e não admito que alguém venha me ensinar”. Outros dizem: - “Vieram me entrevistar, produziram matérias, e eu não sei o que aconteceu com o que eu disse, porque não houve retorno, e ninguém veio nem me agradecer. Recolheram fotografias minhas, fotografaram a minha casa, perguntaram tudo e sumiram”. Esse tipo de coisa não pode acontecer. A universidade tem de cumprir a sua função social de forma respeitosa e digna. Nós temos que nos desvestir da empáfia acadêmica e aprender com a sabedoria daqueles que têm mais a oferecer.

RE: Depois dessa relação intensa e continuada em comunidades, vai ser difícil parar.

Profª. Ana: Quando eu me aposentar, eu pretendo continuar com esse trabalho comunitário. Eu não saberia viver sem ele. Ele está enraizado em mim, eu tenho tanta coisa que eu posso interagir e aprender. A extensão universitária é muito cativante e é uma função social da universidade, embora, na atual conjuntura acadêmica, o extensionista tenha que ser um pouco militante. É muito mais prático dar aulas, escrever textos, pesquisar e publicar. Trabalhar em comunidade não é consenso, é conflito. Também leva tempo dialogar e reconhecer o outro, mas é um vício bom para quem gosta. É o meu caso. ◀